SANTOS, Camila Matzenauer dos; BIANCALANA, Gisela Reis. RODRIGUES; Marcella Nunes. **Quando nasci minha avó: o corpo em performance atravessado pelo tempo.** Santa Maria – RS: Universidade Federal de Santa Maria. Universidade Federal de Santa Maria; Mestrado em Artes Visuais; Gisela Reis Biancalana. Bolsista CNPq. Bailarina, coreógrafa e performer.

RESUMO: O presente trabalho apresenta um recorte de uma pesquisa em Artes Visuais inserida na área de Arte e Cultura. No trabalho é abordada a passagem do tempo no corpo feminino através da criação de performances arte. Deste modo, reconhece-se a pertinência das pesquisas de gênero, bem como das interferências do tempo e a potência das imagens na vida humana e na arte. No artigo em questão, o enfoque é dado à criação de uma performance artística desenvolvida a partir da reconstrução de uma fotografia da avó da pesquisadora, quando jovem. A partir de seus traços em comum, a poética do trabalho propõe refletir sobre os efeitos do tempo na mulher. Ao valorizar as subjetividades presentes nesse processo, a autora baseia sua escrita em autores que abordam questões referentes à performance, feminino e a imagem artística performativa perpassando os estudos da cultura visual.

PALAVRAS-CHAVE: Performance Arte, Mulher, Tempo.

ABSTRACT: The present work presents a cut of a masters research in Visual Arts inserted in the area of Art and Culture. At work, the passage of time in the female body is approached through the creation of art performances. In this way, the relevance of gender research as well as the interference of time and the power of the images in human life is recognized. In the article in question, the focus is given to the creation of an artistic performance developed from the reconstruction of a photograph of the researcher's grandmother when she was young. Through their common traits, the work proposes with their poetics to erase the time. In this paper, we present a review of the literature on performance, femine and photograph traversing the studies of visual culture.

KEYWORDS: Performance Art, Woman, Time.

O presente trabalho apresenta um recorte de uma pesquisa em desenvolvimento na área de Arte e Cultura, inserido no Programa de Pós Graduação em Artes Visuais da Universidade Federal de Santa Maria. Nesta pesquisa, desenvolvo performances artísticas acerca da temática do feminino, explorando uma poética que estuda a passagem do tempo no corpo da mulher. Trata-se de uma proposta que reconhece a pertinência das pesquisas de gênero relacionadas às interferências do tempo na vida humana. Para tal, são desenvolvidas pesquisas de campo com o intuito de aproximar-me de diferentes contextos culturais nos quais mulheres estão inseridas. Deste modo, instiga-me investigar questões referentes à representatividade da mulher nas criações artísticas desenvolvidas e na potência deste corpo feminino em

Performance. Sendo assim, nesta escrita opto por abordar a pesquisa dando ênfase ao relato do processo de criação desta Performance artística intitulada “quando nasci minha vó”.

A Arte da Performance surge em um período de efervescência política, artística e cultural que caracteriza a segunda metade do século XX. Neste contexto, ela possui suas origens vinculadas aos movimentos vanguardistas do início do mesmo século, como o Dadaísmo, Futurismo, Surrealismo e o Bauhaus. Com seu caráter interdisciplinar, artistas de diferente áreas (artes plásticas, teatro, dança, música, entre outros) e vertentes integraram estes movimentos que desdobraram-se na Performance.

Recorrentemente transitei por diferentes linguagens artísticas: dança, teatro, literatura, música e, agora, as artes visuais. Minha formação em Dança Bacharelado e a realização da pesquisa em outra área, aqui as artes visuais, permitiu-me encontrar outras perspectivas para o desenvolvimento da mesma. Assim, possibilito-me a ampliar horizontes estéticos e de criação passando pela Arte de Performance. Foi justamente seu caráter flexível e transdisciplinar que despertou meu interesse.

Douglas Crimp (1999), escreve sobre a necessidade de um modelo de análise para estudar a arte do presente diferente daqueles usados para a arte de vanguarda e considera a cultura visual como um modo de fazê-lo mostrando, deste modo, ele revela elementos comuns ao pensamento de Cohen sobre a Performance. Este último autor entende que a tentativa de localizá-la

> enquanto gênero, numa relação com outros estilos de arte cênica, é ao mesmo tempo difícil e contraditório. A performance, na sua própria razão de ser, é uma arte de fronteira que visa escapar às delimitações, ao mesmo tempo que incorpora elementos das várias artes (COHEN, 2002, p. 139).

Compreendo as Performances que crio como um modo de dar forma aos questionamentos da pesquisa criando imagens a partir das quais emergem algumas das questões culturais que proponho. Portanto, a pesquisa teórica e corporal é aprofundada a partir de minhas inquietações encontrando na Performance Arte um lugar possível para experimentações orientadas a partir

do corpo entendido como instaurador da obra. É importante ressaltar também que a proposta do trabalho consiste na investigação de um corpo técnico/expressivo/comunicativo em laboratório de criação e em cena, que carrega as relações estabelecidas em campo transbordando para a performatividade em sentido expandido ao borrar fronteiras entre linguagens artísticas.

Pelas minhas criações não quero impor um modo de pensar, mas estabelecer relações suscitadas pela imagem do corpo e os outros elementos que constituem a Performance. Esta troca, visa simplesmente materializar poeticamente um discurso do corpo que, se tocar, instigar, trouxer reflexões ou incentivar o debate acerca das temáticas propostas, será um ambiente instalado. Caso contrário, pode ser apenas a obra, um corpo em Performance oferecido a quem quiser.

Em meio a proposta, a criação artística não se deu como mera consequência de leituras e da pesquisa de campo: ela também afeta o campo, os olhares, os referenciais teóricos. Eles afetam-se mutuamente, não de forma linear ou causal, mas transversal e dinamicamente. Sendo assim, a criação artística é meu modo de fazer com que estas questões cheguem até outras pessoas poeticamente, afinal, o trabalho ocupa e é afetado por espaços diversos. Assim, a pesquisa vai se transformando e desenhando diferentes caminhos através das vivências. A investigação se alimenta também das mulheres do meu convívio, dos espaços de mulheres físicos ou virtuais, de grupos de estudo que frequento sobre o sagrado, o feminino e feminismo, gênero, notícias, vídeos e textos que circulam em diferentes mídias. Sobretudo têm interessado o material proveniente das redes sociais, muitos dos quais são enviados para mim por mulheres que conhecem a pesquisa que desenvolvo.

Em meio a estas inquietações não há como ignorar o fato que vivemos em uma sociedade na qual o ser humano é constantemente bombardeado por imagens em diferentes meios e contextos. Segundo Turchiello (2016)

> As discussões que acompanharam diversos autores e artistas desde a modernidade até a contemporaneidade estão em muitos aspectos relacionadas às imagens. O advento da fotografia, o surgimento do cinema, e os meios de comunicação, a cultura de massa, a

> publicidade, o computador, os telefones com dispositivos cada vez mais elaborados para criar e recriar imagens, caracterizam sociedades que encontram na visão seu sentido predominante, uma supervalorização da imagem, do olhar, do alcançar cada vez mais longe no espaço e no tempo (TURCHIELO, 2016, P. 81)

A partir dessas noções, compreendi que os estudos da cultura visual, poderiam enriquecer e contribuir com a pesquisa desenvolvida. Esta perspectiva de cultura apresenta um caráter transdisciplinar e articula-se em relação aos significados culturais que são associadas às imagens. Hernández (2006) escreve que os estudos da cultura visual se originam nas discussões pós-estruturalistas e coloca que

> o campo diante o qual me situo não tem os limites precisos de uma disciplina (há alguma que o tenha na atualidade?). Nem constitui um território no qual seus fundamentos epistemológicos, políticos, metodológicos e pedagógicos sejam consensuais e estejam unificados. Isso pode incomodar e desestabilizar, mas eu considero uma oportunidade para construir, explorar e avançar na compreensão de como nos relacionamos e aprendemos a ser com aquilo que vemos e pelo qual somos vistos (HERNÁNDEZ, 2011, p. 31-32).

Nesse sentido, Mitchell (2001 apud HERNÁNDEZ, 2006, p. 2) localiza os termos cultura e visual. O primeiro derivaria de estudos culturais, da sociologia e antropologia, entre outros, enquanto o segundo, por sua vez, teria sido retirado de campos como da história da arte e dos estudos sobre o cinema. Douglas Crimp destaca que as questões de identificação e subjetividade “são o sujeito de discussões produtivas em andamento” (CRIMP, 1999, p. 81), ou seja, a cultura visual reconhece que o significado não é algo intrínseco ao objeto, mas que se constrói na relação que é estabelecida com o mesmo. Deste modo, compreende-se que o olhar é uma construção cultural e não deve ser analisado apartado de discursos e práticas cotidianas. Somado a isso, viso explorar também um discurso em Performance que busca “a eliminação de um discurso mais racional e a utilização mais elaborada de signos” (COHEN, 2002, p. 66) almejando proporcionar ao espectador uma leitura subjetiva da obra sem submetê-la a um narrativa limitada. Neste contexto, a cultura visual apresenta-se como um caminho para diferentes leituras e interpretações possíveis através daquilo que essas imagens possam suscitar naqueles que se relacionam com elas.

Reconheço que todas as inquietações que trago aqui atravessam e transbordam meu corpo em Performance, mas que, antes de tudo, nascem dele – do meu corpo feminino. Simone de Beauvoir escreve que “se quero definir-me sou obrigada inicialmente a declarar: ‘sou uma mulher’” (BEAUVOIR, 1980, p. 13), percebo frequentemente a necessidade de afirmar-me enquanto mulher em minha pesquisa. Em momento algum desvinculo esta perspectiva de minhas experiências estético-expressivas.

Neste contexto, o texto de Bernstein (2001) aborda a Performance solo e o sujeito autobiográfico enfatizando que a autobiografia, nas manifestações performativas, não deve ser entendida como um ato narcisista, mas que pode ser potente pensar no seu desdobramento em um âmbito público, nas suas relações com o outro. Segundo Penny Arcade, artista abordada por Bernstein (2001), o trabalho autobiográfico só faz sentido se pode conectar as suas experiências com as experiências de outras pessoas. Sendo assim, destaco as Performances solo autobiográficas e as suas funções críticas ao mostrarem-se como um modo de resistência capaz de criar um espaço de fala para tantos como manifestação inclusiva. Estas formas não se enquadram em discursos ideológicos dominantes, como é, também, o caso das Performances que proponho. A autora supracitada, ainda compara a linguagem artística da Performance com a autobiografia, compreendendo ambas como processos abertos e destaca que as

> esferas pública e privada não estão dissociadas mas sim interligadas e permeadas por relações de classe, gênero sexual e sexo. Portanto, ao invés de ser uma voz isolada e voltada para si mesma, a narrativa autobiográfica na performance solo funciona como um instrumento público na criação de um senso de comunidade (BERNSTEIN, 2001, p. 5).

As performances que venho elaborando abordam questões de cunho político, vinculadas ao movimento feminista. Relacionam-se, sobretudo, a autonomia do corpo feminino discutindo temas como os malefícios causados à saúde da mulher pelo consumo de pílula anticoncepcional e tabus relacionados a menstruação. Deste modo, a Performance cujo processo criativo relato aqui distancia-se um pouco do modo como trabalhos anteriores foram elaborados. Trata-se de uma poética que não envolve a pesquisa de campo e parte de

questões mais pessoais, carregadas de subjetividades. Por este motivo recai sobre a autobiografia. Assim, abordo uma poética do tempo sem o envolvimento com questões políticas mais profundas, ou talvez, abordando-as de modo mais sutil. É possível que esta Performance leve à questões relacionadas a idade da mulher e os padrões de beleza oriundos deste tema. A juventude como momento ideal da beleza feminina é recorrentemente explorado pelas diversas mídias. Frases como: “no meu tempo”, habitam o universo imaginário de muitas pessoas como se o tempo congelasse na juventude.

Trago essa introdução acerca das imagens, pois a Performance nasceu a partir de uma fotografia de minha avó jovem. A foto foi registrada no dia em que ela ganhou um concurso de beleza em uma festa da pequena cidade que ela habitava. Na imagem, em preto e branco, ela traja vestes de festa, joias e maquiagem, esboça um sorriso e tem os cabelos cuidadosamente arrumados. Essa é uma imagem que há anos vem sendo reproduzida entre a família, muitos parentes próximos e distantes possuem cópia dessa foto. Ouvi com frequência entre meus familiares que éramos parecidas, o que me instigou a reconstituir aquela imagem. Assim, ao transformar-me em minha avó é como se eu pudesse borrar o tempo: ela e eu como uma mesma pessoa, simultaneamente, como se eu nascesse minha avó. Dois tempos de uma mesma mulher, um encontro entre gerações através do meu corpo refletido no espelho.

Deste modo, a Performance “quando nasci minha avó” foi sendo estruturada a partir dos seguintes elementos: há uma penteadeira com um espelho, algumas maquiagens espalhadas e o retrato de minha avó. Estou sentada diante deste espelho, arrumada assim como ela está na foto. Minha ação durante a Performance é ir, lentamente, me despindo dessa maquiagem, joias, roupas, cabelo até que eu “retorne a ser eu mesma", novamente. Uma pequena viagem no tempo e na ancestralidade. Assim, neste contexto, o espelho e a fotografia remetem a ideia de identificação, aproximação e (re)presentação, nesse trabalho, que envolve minha ancestralidade feminina.

A concepção dessa Performance coincidiu com um período no qual eu estava estudando movimentos artísticos como a pop art, a qual possui a reprodução em massa como uma de suas características. Assim, de forma indireta, tracei uma relação entre a reprodução de obras de arte e a (re)produção daquela imagem em minha família. Também foi um momento em que me aproximei dos trabalhos de Cindy Sherman, fotógrafa, modelo e diretora de cinema norte-americana em atividade desde a década de setenta. Seu trabalho tornou-se reconhecido por seus autorretratos em que (re)cria personas e personagens femininas. Ao fazê-lo, essa artista questiona e subverte, de certa forma, os papéis destinados a mulher. Devido a este fato, seu trabalho é comumente associado a discursos feministas, apesar da artista não possuir essa pretensão e tampouco vincular-se a esse movimento. Assim, pelo trabalho de Cindy Sherman, fui apresentada a outras possibilidades de abordar questões referentes a gênero, fazendo-me repensar a mulher que sou, as mulheres que trago em mim e como nos afetamos mutuamente. Deste modo, sobretudo no que diz respeito a imagem performativa advinda desta poética, a artista instigou-me a lançar um olhar mais interessado para a fotografia, que até então não era um elemento presente em meus trabalhos. A Performance instigou-me a pensar no sentido das aproximações entre minha imagem corporal em performance em relação à imagem fotográfica como elemento presente na cena.

No texto Câmara Clara (BARTHES, 1980), pude aprofundar-me um pouco mais no estudo sobre fotografia. Neste ensaio, o autor faz uma análise sobre fotografia levando em consideração aspectos emocionais que se estabelecem na relação com as imagens. Assim, ele apresenta os conceitos de *studium* e *punctum*, os quais considerei pertinentes para minha investigação. Enquanto o studium aborda aspectos mais técnicos da fotografia, questões mais materiais, o punctum vai além, ele é aquilo que importa quando vejo a fotografia, aquilo me toca, o que faz com que nos relacionemos com a imagem, ou seja,

> o punctum é, portanto, uma espécie de extracampo sutil, como se a imagem lançasse o desejo para além daquilo que ela dá a ver: não somente para "o resto" da nudez, não somente para o fantasma de uma prática, mas para a

> excelência absoluta de um ser, alma e corpo inbricados. (BARTHES, 1980, p. 89)

Assim, o *punctum* é “aquilo que nos punge” (BARTHES, 1980, p. 45), aquilo que fez com que eu olhasse de outra forma para aquela fotografia e estabelecesse uma relação afetiva com ela. A imagem que estimulou a criação da Performance coloca-me diante de minha falecida avó jovem, em um momento feliz de sua vida, suponho. Aquela fotografia a mantém viva, e mais que isso, a mantém viva em sua juventude e na lembrança dos seus descendentes. Sua imagem me toca pois hoje tenho aproximadamente a mesma idade dela naquele momento. Na fotografia, imagem captada de um instante, vejo que carrego em mim os traços presentes em seu rosto. Ela me toca, pois vejo seus olhos brilhando, vejo-a feliz. Tenho o desejo de me aproximar dela, de ouvir como ela se sente, mas como não posso, crio na Performance um modo de dilatar esse tempo, perpetuar, reviver: corporificar a imagem. Assim, considero que a seguinte fala de Barthes sintetiza estes pensamentos: “a fotografia é o advento de mim mesmo como outro: uma dissociação astuciosa da consciência de identidade” (BARTHES, 1980, p. 25).

O mergulho em minha ancestralidade feminina também parece devolver a mim mesma certos traços de mim que talvez fossem se diluindo no tempo, nas misturas genéticas, nos atravessamentos socioculturais advindos das transformações ocorridas no mundo, enfim. Ter autonomia sobre o próprio corpo, uma das questões que trabalho, requer (re)conhecer a mim mesma. Assim, entro em um processo de autoconhecimento, neste trabalho, ao resgatar a memória de uma mulher da minha família ao reconhecer-me nela e ao reconhecê-la em mim. Ao trazer minha ancestralidade feminina para a cena, coloco outras mulheres como protagonistas, encontro uma forma de dar a voz a elas, ocupando espaços que, muitas vezes não lhes eram reservados – como a universidade.

Assim, em face do que foi exposto ao longo de minha escrita, visualizo a Arte da Performance como manifestação que se reverbera poeticamente para materializar minha ancestralidade. A cultural visual como um meio de potencializar a pesquisa em artes ao apresentar uma perspectiva que valoriza aspectos subjetivos, tão presentes no universo artístico, sem que se imponham

limites ou direcione-se o olhar. Compreendo também que a pesquisa aconteceu de forma orgânica, processual e não causal e que a experiência enquanto pesquisadora é indissociável de minha obra. Interesso-me também pelo trânsito entre linguagens artísticas e como elas potencializam-se entre si. O tempo dança na Performance Arte, assim como a Performance dança no tempo. Do mesmo modo, a fotografia se faz presente como tempo, como elemento cênico e como parte de minha autobiografia. Deste modo, através daquilo que me toca, busco sensibilizar o outro ao estabelecer uma relação com o público durante a obra.

Referências:

ALMEIDA, Flavia Leme de. **Mulheres recipientes**: recortes poéticos do universo feminino nas artes visuais. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2010.

BARTHES, Roland. **A câmara clara**: nota sobre a fotografia, tradução de Júlio Castão Guimarães. São Paulo: Nova Fronteira, 1980.

BEAUVOIR, Simone. **O Segundo sexo** – fatos e mitos; tradução de Sérgio Milliet. 4 ed. São Paulo: Difusão Européia do Livro, 1980.

BERNSTEIN, Ana. **A performance solo e o sujeito autobiográfico.** Sala preta. Vol. 1, p, 91 – 103, 2001.

COHEN, Renato. **Performance como linguagem**. São Paulo: Perspectiva, 2002.

CRIMP, Douglas. **Estudos culturais, cultura visual**. REVISTA USP, São Paulo, n.40, p.78-85, dezembro/fevereiro 1998-99

HERNÁNDEZ, Fernando. A cultura visual como um convite à deslocalização do olhar e ao reposicionamento do sujeito *in* MARTINS, Raimundo & TOURINHO, Irene (Orgs.) **Educação da cultura visual**: conceitos e contextos, 2011.

TURCHIELLO, Caroline. **Habitar somático**: um corpo que abre os poros para ver (-se) a partir de sua dança/performance. 2016. 191 f. Dissertação (Mestrado em Artes Visuais) – Programa de Pós Graduação em Artes Visuais – Universidade Federal de Santa Maria. Santa Maria, 2016